Tecnologia a serviço do amor: histórias de adoção

CNJ CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

PNUD

JUSTIÇA 4.0

Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento

Tecnologia a serviço do amor:
histórias de adoção

Brasília, DF
Maio de 2025

© 2025 CNJ

Todos os direitos autorais reservados. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Venda proibida.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Presidente

Luís Roberto Barroso

Corregedor Nacional de Justiça

Mauro Campbell Marques

Conselheiras e conselheiros

Alexandre Teixeira
Daiane Nogueira de Lira
Daniela Madeira
Guilherme Caputo Bastos
Guilherme Guimarães Feliciano
João Paulo Schoucair
José Rotondano
Marcello Terto
Mônica Nobre
Pablo Coutinho Barreto
Renata Gil
Rodrigo Badaró
Ulisses Rabaneda

Secretária-geral

Adriana Alves dos Santos Cruz

Secretário de Estratégia e Projetos

Gabriel da Silveira Matos

Diretor-geral

Johaness Eck

Coordenadores do Programa Justiça 4.0

Alexandre Libonati de Abreu
Dorotheo Barbosa Neto

Juízas e juízes auxiliares da Presidência

Adriano da Silva Araújo
Alexandre Libonati de Abreu
Ana Lúcia Andrade de Aguiar
Dorotheo Barbosa Neto
Edinaldo César Santos Júnior
Frederico Montedonio Rego
João Felipe Menezes Lopes
João Thiago de França Guerra
Keity Mara Ferreira de Souza e Saboya
Lívia Cristina Marques Peres
Wanessa Mendes de Araújo

Diretor do Departamento de Tecnologia da Informação (DTI)

Thiago de Andrade Vieira

Coordenador da Divisão do Processo Judicial Eletrônico/DTI

Paulo Porto

Gestor negocial do SNA

Edinaldo César Santos Junior

Comitê Negocial do SNA

Daniel Konder de Almeida
Fabiana Jardim Sena Pacheco
Graziela Milani Leal
Hugo Gomes Zaher
Iracy Ribeiro Mangueira Marques
Isabely Fontana da Mota
Julianne Marques
Katy Braun do Prado
Noeli Salete Tavares Reback
Rafael Souza Cardozo
Rodrigo Santos Meira
Vinícius Araújo da Silva

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO — BRASIL

Representante residente	Claudio Providas
Representante residente adjunto	Elisa Calcaterra
Representante residente assistente e coordenadora da Unidade de Programa	Maristela Baioni
Chefe de operações para o Brasil	Caroline Brito Fernandes
Coordenadora da Unidade de Governança e Justiça para o Desenvolvimento	Andréa Bolzon
Gerente sênior do Programa Justiça 4.0	Júlia Matravolgyi
Associada de gestão	Luciana de Freitas
Assistentes de projeto do Programa Justiça 4.0	Anna Clara Monjardim André Neves Jenieri Polacchini Livia Camila da Silva Lourena Florindo Mariana Sidersky Renato Schattan Thaís L. Duarte
Coordenador de comunicação	Luciano Milhomem
Assistente de comunicação	Íris Cruz

PROGRAMA JUSTIÇA 4.0
COORDENAÇÃO-GERAL

Coordenador de gestão	Fabiano Lima
Coordenador técnico	Eduardo Arruda
Coordenadora de avaliação e monitoramento	Rachel Magalhães
Analista de gestão do conhecimento	Vanessa Maeji
Assessores de desenvolvimento	Ana Vitiello Julio César dos Santos Marcelo Cohen Vinícius Bonifácio
Analistas de monitoramento	Daniel Alcântara Tatiana Willmann
Associada técnica de projetos	Karolina Alves Pereira de Castro

SISTEMA NACIONAL DE ADOÇÃO E ACOLHIMENTO
EQUIPE TÉCNICA

Analista de negócios	Diego Fiori de Carvalho
Analista Scrum master sênior	Alessandra Bevilaqua de Oliveira
Desenvolvedores Back-end sênior	Gabriella Lopes Marques Gilson Alves Vinícius Machado de Almeida Welberth Gomes
Apoio negocial (TJPR)	Angela Regina Urio Liston
Desenvolvedores Back-end (TJPR)	Alessio Roman Júnior Sidnei Augusto Drovetto Júnior
Desenvolvedor Front-end sênior	Elcio Costa Júnior
UI Designer	Tatiana Moser Lopes
UI Designer de Apoio	Daniela Barbosa
UX Designer	Isabella Saraiva
Analista de testes sênior	Patrícia Mylius Pizzinato
Suporte técnico ao projeto	Rayssa Tainan Coátio de Souza
Estagiário de teste (CNJ)	Marlon Ferreira de Sá

PROGRAMA JUSTIÇA 4.0
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Coordenadora de comunicação	Vanessa Beltrame
Associadas de comunicação	Danielle Pereira Isabela Martel Erika Dixo
Assistentes de comunicação	Bárbara Lima Jéssica Chiareli
Assistentes de design e diagramação	Demian Takahashi Marcio Penna
Assistente produtora editorial e conteúdo	Ana Terra

agradecimentos

As produtoras deste livro agradecem às cinco famílias que, generosamente, compartilharam suas histórias e tornaram possível elaborar este material.

Agradecem também à equipe técnica do SNA, que ajudou as produtoras a compreender o funcionamento do sistema e as conduziu até os protagonistas desta publicação.

sumário

14 **Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento:** ferramenta de encontro e garantia de direitos

16 **Programa Justiça 4.0:** transformação digital com propósito

18 **Prefácio:** um convite à leitura de peito aberto

24 **De zero a quatro filhos:** a história de Nathalia e Peter

28 **O essencial é invisível aos olhos:** Natan, suas mães e o poder do amor na diferença

32 **Acolher sem escolher:** Mikely e o amor que desconhece barreiras

36 **Amor à primeira vista:** a jornada de Vanessa e Gustavo até Sofia

40 **Uma nova certidão de nascimento:** Maria Luísa e o direito de pertencer

44 **Repercussão:** narrativas que ecoaram para além do sistema de Justiça

46 **Busca ativa no SNA:** entre histórias e números, o compromisso com o afeto e a Justiça

48 **Das vozes às páginas:** quem deu vida a este livro

Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento: ferramenta de encontro e garantia de direitos

Por trás de cada encontro entre uma criança e sua nova família, há um caminho trilhado com cuidado, responsabilidade e, muitas vezes, esperança silenciosa. O *Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA)* foi criado para tornar esse caminho mais seguro, transparente e eficiente.

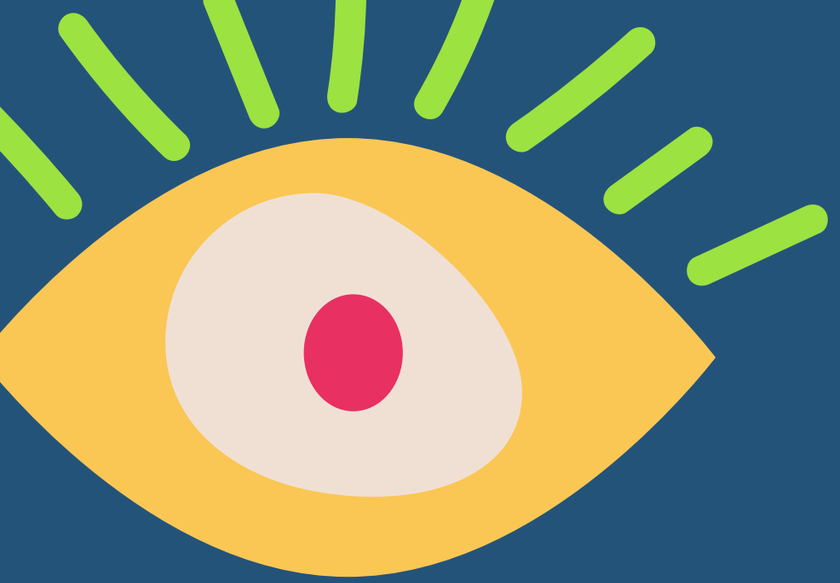
Lançado em 2019, o SNA reuniu dois antigos cadastros — o Cadastro Nacional de Adoção (CNA) e o Cadastro Nacional de Crianças Acolhidas (CNCA) — em uma só plataforma digital. Hoje, ele agrega informações de todos os tribunais de Justiça do Brasil sobre crianças e adolescentes em acolhimento institucional ou familiar e aptos para adoção. Também centraliza os dados sobre as pessoas brasileiras e estrangeiras habilitadas a adotar.

Mais que uma base de dados, o SNA é um instrumento que visa garantir o direito fundamental de toda criança crescer em um ambiente acolhedor, seguro e afetuoso. É inspirado na doutrina da proteção integral, prevista na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), e está alinhado a compromissos globais como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) — especialmente os de número 10 (Redução das Desigualdades) e 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes).

O SNA representa um avanço nos processos de adoção no Brasil, que até poucos anos atrás eram marcados por lentidão, falta de comunicação entre os estados e pouca visibilidade para perfis menos procurados de crianças e adolescentes — como os mais velhos, com algum tipo de deficiência ou com irmãos. O SNA veio para mudar esse cenário. Ao garantir mais alcance e precisão das informações sobre pretendentes, crianças e adolescentes, o sistema aproxima histórias que talvez nunca se encontrassem por caminhos convencionais.

Desde janeiro de 2024, o sistema vem sendo aprimorado pelo Programa Justiça 4.0. Entre os recursos mais recentes estão a busca ativa, que você conhecerá ao longo deste livro, e um módulo de pretendentes, que amplia as informações sobre os perfis de quem está disposto a adotar. Para além de uma plataforma tecnológica, o SNA é uma ferramenta de encontro: aproxima histórias, encurta distâncias e ajuda a transformar em realidade o desejo de formar uma família.

Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento



Programa Justiça 4.0: transformação digital com propósito

Desenvolver e aprimorar soluções tecnológicas que aproximam a Justiça brasileira das pessoas, tornando seus serviços mais eficientes, eficazes e acessíveis — esse é o propósito do ***Programa Justiça 4.0***, que busca ainda apoiar a atuação de magistrados, servidores, advogados e outros atores do sistema de Justiça com ferramentas modernas de gestão processual.

Iniciado em 2020, o Programa resulta de uma parceria entre o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Tem apoio do Conselho da Justiça Federal (CJF), Superior Tribunal de Justiça (STJ), Tribunal Superior do Trabalho (TST), Conselho Superior da Justiça do Trabalho (CSJT) e Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

prefácio: um convite à leitura de peito aberto

Contar histórias de adoções realizadas por meio do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) nasceu do desejo de mostrar como as inovações tecnológicas do Programa Justiça 4.0 transformam vidas. A equipe de Comunicação do Programa percebeu que, para além de explicar como o sistema funcionava, havia algo essencial a mostrar: o impacto dessa ferramenta tecnológica na trajetória de famílias brasileiras, especialmente de crianças e adolescentes que tiveram o direito a uma família garantido.

Quando se trabalha com a criação e o desenvolvimento de soluções digitais, em especial de forma remota, nem sempre se tem contato direto com aqueles que, no fim das contas, serão os beneficiados: as pessoas. Foi assim que surgiu a ideia de narrar as histórias de quem encontrou, no SNA, um caminho para a construção de laços e afetos.

Para conhecer essas famílias, contamos com a ajuda da equipe técnica do SNA, em especial da juíza Rebeca de Mendonça Lima, do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas (TJAM), e da servidora do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul (TJRS) Graziela Milani Leal. Com o apoio delas, viajamos até três cidades da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde conhecemos Peter, Nathalia, Mikely, Otávio, Márcia, Maria Luísa, Jovane e Fabiano. Essas famílias abriram suas casas para nós e nos permitiram ouvir suas histórias de vida.

Mais tarde, outras trajetórias se somaram, desta vez por chamada de vídeo: Sofia, Vanessa, Gustavo, Natan, Tamiris e Natane, conectando Amazonas e São Paulo em mais dois relatos de famílias que se formaram por intermédio do SNA.

Foi assim que surgiu a ideia de narrar as histórias de quem encontrou, no SNA, um caminho para a construção de laços e afetos.

Ouvir e contar as histórias de crianças e adolescentes exige responsabilidade e sensibilidade. Cada pergunta feita e, depois, cada escolha na construção dos textos e vídeos carregam um compromisso com a verdade e com a confiança que essas famílias depositaram em nós. O resultado desse trabalho mostra que a tecnologia pode não apenas

facilitar processos, mas também garantir direitos e mudar para melhor a vida de muitas pessoas no Brasil. Entrar nesses lares nos lembrou que, por trás de toda política pública bem-sucedida, há histórias que merecem ser contadas — e ouvidas.

O conteúdo reunido neste livro foi publicado originalmente entre outubro e novembro de 2024 como reportagens nos canais institucionais do CNJ e do PNUD Brasil. Agora, em formato de e-book, ganha outra vida — costuradas em um só fio narrativo, essas histórias estão prontas para tocar novos corações e inspirar outros olhares. Que esta leitura seja, para você, tão transformadora quanto foi para nós escrevê-la. Boa leitura!

Vanessa Beltrame

Isabela Martel

famílias

Ana Clara, Luís Miguel, Gabriel e Maria Flor

Clique aqui!

Natan

Mikely

Sofia

Maria Luísa

Ana Clara, Luís Miguel, Gabriel e Maria Flor

De zero a quatro filhos: a história de Nathalia e Peter

Por Isabela Martel

Do Rio de Janeiro para o coração — a busca ativa do SNA uniu Nathalia, Peter e seus quatro filhos.

Foto: Erika Dixo

ler mais histórias

Desde quando se apaixonaram e começaram a pensar em um futuro juntos, em 2015, Nathalia Fernandes e Peter Leidens Domingues já carregavam no peito o desejo de formar uma família com filhos adotivos. Nesses 10 anos de relacionamento, o jovem casal de 27 anos, que mora em Gravataí (RS), cidade na região metropolitana de Porto Alegre, se casou e decidiu realizar aquele sonho.

Pouco mais de um ano atrás, a casa ainda era silenciosa. Hoje, abriga a rotina movimentada de uma família com mais dez corações: quatro crianças e seis animais de estimação. "Nós passamos de zero filhos para quatro em questão de uma semana. Foi muito doido, mudou tudo! Não tem nada que não tenha mudado", conta Nathalia.

O casal iniciou o processo de habilitação para adoção em 2021. "Quando preenchemos a ficha, a gente colocou que aceitava até três crianças de 0 a 5 anos, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná", lembra Peter. Mas os planos mudaram quando, já inseridos no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), em 2023, eles tiveram acesso à **busca ativa***.

"É uma ferramenta que humaniza a busca e trabalha na sensibilização do pretendente. Quando o pretendente pode visualizar a criança, ver seu rosto e ouvi-la, fica muito mais fácil para ele se identificar e, quem sabe, se abrir para uma nova possibilidade", explica Graziela Milani, assistente social e integrante da equipe que atua no SNA.

Foi exatamente o que aconteceu. Quem encontrou o perfil das crianças foi Nathalia. Eram quatro irmãos, então com idades entre 1 e 8 anos, do Rio de Janeiro. "Eu chamei o Peter e falei: 'Olha aqui! É muito parecido com o que a gente está procurando. O que tu achas? Tu estás aberto a quatro crianças?'", conta. "Ela já estava pronta para adotar cinco!", relembra Peter, rindo.

O casal manifestou interesse nos irmãos pelo sistema imediatamente. "Cinco dias depois, recebemos a tão esperada ligação. Era uma sexta-feira, às seis da tarde", conta Nathalia. Após conversarem com a psicóloga e a assistente social responsáveis pelo caso, ela e o marido arrumaram as malas e, em menos de uma semana, embarcaram rumo ao Rio de Janeiro para iniciar o processo

* *A ferramenta de busca ativa do SNA funciona como uma ponte sensível entre mundos: conecta pretendentes habilitados a crianças e adolescentes que ainda esperam por uma família. São perfis que, por diversos motivos, enfrentam mais barreiras no caminho até a adoção — grupos de irmãos, crianças mais velhas ou com deficiência. Pela busca ativa, as pessoas pretendentes podem visualizar os perfis com fotos, vídeos e informações sobre as crianças e adolescentes.*

de aproximação com as crianças. Um mês depois, o casal conseguiu a guarda provisória dos filhos e os levou para a nova casa, no Rio Grande do Sul.

A chegada exigiu coragem, paciência e afeto. Afinal, Nathalia e Peter eram pais de primeira viagem de quatro crianças de uma só vez — cada uma com seu tempo, sua história, sua maneira de sentir. A nova família precisou se acostumar ao lar, à rotina, à escola, aos animais de estimação e às particularidades de cada pequeno. “A troca de estado foi difícil. Às vezes, tinha palavras que a gente falava, e eles não conheciam”, relata Peter, referindo-se às diferenças regionais. “Teve uma época em que eles achavam que era outra língua. Eles perguntavam: ‘Que língua a gente fala aqui? Que país a gente está?’”, relembra Nathalia.

Foto: Acervo pessoal

Foto: Acervo pessoal

Quase um ano e meio depois, a família está ajustada à rotina. Os olhos de Nathalia e Peter brilham ao falar dos filhos: “a Ana Clara (9 anos) é muito esperta, empática e amorosa com todos. O Luís Miguel (6) é extrovertido, muito engraçado e um ótimo atleta de ginástica artística. O Gabriel (4) é muito inteligente, carinhoso, decidido e um pouco mais tímido. A Maria Flor (2) é muito fofinha, inteligente e determinada”, contam juntos.

Algumas imagens deste livro preservam a identidade das crianças em respeito à sua privacidade e proteção.

Quando se conheceram, Nathalia e Peter já sonhavam com sua família. Para que o sonho se concretizasse, a busca ativa foi fundamental. “Se não fosse pela busca ativa, a gente não teria encontrado nossos filhos”, reflete Nathalia, ao lembrar que as crianças estavam fora do perfil de idade, quantidade e estado que eles haviam estipulado inicialmente. “A busca ativa permite que as pessoas abram os olhos para outras crianças. Foi muito importante ver a carinha deles lá. Ganhou nosso coração”, reforçou Peter.

“A busca ativa permite que as pessoas abram os olhos para outras crianças. Foi muito importante ver a carinha deles lá. Ganhou nosso coração.”

Peter, pai de quatro crianças adotadas via SNA

Foto: Acervo pessoal

O desejo do casal para o futuro dos filhos é simples e profundo: “que eles sejam pessoas felizes e que continuem com as qualidades deles, amorosos e unidos”, diz Nathalia. “Os nossos filhos, como boa parte das crianças que passam por um processo de adoção, já passaram por muitas coisas. A gente se esforça muito para dar todas as ferramentas – amor, terapia, atividades extracurriculares – para que eles consigam lidar com o que já viveram e para que isso seja só uma parte da vida deles, e não o que os define”, conclui Peter.

Natan

O essencial é invisível aos olhos: Natan, suas mães e o poder do amor na diferença

Por Jéssica Chiareli

Foto: Acervo pessoal

ler mais histórias

Natan passou seus primeiros momentos de vida em uma UTI móvel. Foi transportado da comunidade indígena onde nasceu, no Amazonas, até a capital Manaus. Começava ali uma jornada de pouco mais de dois anos — marcada por muitas idas e vindas ao hospital — até o primeiro encontro com suas mães, Tamiris Machado Costa e Natane Xavier de Oliveira.

A família se reuniu pela primeira vez em fevereiro de 2021, em um abrigo na capital amazonense. O menino, então com 2 anos, só havia visto as mães pela tela do celular, por causa da pandemia. No primeiro encontro presencial, porém, não teve dúvidas. Reconheceu as mães de imediato.

"Assim que vimos o Natan pela primeira vez, sabíamos que era ele. Ele era o nosso filho. Eu desabei a chorar. Ele veio para o meu colo, depois passou para o da Tamiris. Foi um *match* perfeito. Ele estava esperando a gente mesmo", relembra Natane.

O casal, à época com 32 anos, vivia em Santo André, no Grande ABC Paulista, e conheceu o filho por meio da **busca ativa*** do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA).

Depois de 30 dias de convivência, Natan se mudou com as mães para São Paulo. Os cuidados com a saúde persistiram. Por causa de uma má-formação congênita no sistema digestivo, Natan, hoje com 5 anos, passou por sua 15ª — e possivelmente última — cirurgia.

Mesmo precisando do auxílio diário das mães para trocar a bolsa de ostomia, que o ajuda na digestão, Natan conseguiu se adaptar bem à família, à escola e a uma rotina de autonomia — com brincadeiras, aprendizados e descobertas, como acontece com tantas crianças de sua idade.

"O Natan é muito persistente em tudo o que ele faz. Ele é uma criança diferente. É muito guerreiro. Era uma criança que falavam que não ia andar, e ele anda, corre, pula. Se desenvolveu muito, já aprendeu a escrever", conta Tamiris.

---

* *A ferramenta de busca ativa do SNA funciona como uma ponte sensível entre mundos: conecta pretendentes habilitados a crianças e adolescentes que ainda esperam por uma família. São perfis que, por diversos motivos, enfrentam mais barreiras no caminho até a adoção — grupos de irmãos, crianças mais velhas ou com deficiência. Pela busca ativa, as pessoas pretendentes podem visualizar os perfis com fotos, vídeos e informações sobre as crianças e adolescentes.*

Amor na diferença

O período de adaptação, em São Paulo, não foi só para Natan. Tamiris e Natane também enfrentaram uma jornada de aprendizados. “Houve um processo de conhecimento. Trouxemos ele para Santo André, um caminho totalmente diferente, cheio de medos e inseguranças, que não deixamos transparecer para que Natan se sentisse seguro”, diz Natane.

> “A adoção não é fácil, mas é possível. Temos a oportunidade de sermos transformadas e de transformar. Não acho que sentiríamos o mesmo em outra situação. No fim, você percebe que é 15% problema e 85% alegria. Hoje, o Natan é meu melhor amigo, meu parceiro.”
>
> ***Tamiris, mãe de Natan***

Acompanhando o crescimento de Natan, as mães desenvolveram um olhar sensível para a história, os sentimentos e a singularidade do filho. “As crianças são seres humanos, não são bonecas que a gente põe e tira a roupa. O Natan, com 5 anos, já escolhe a própria roupa, tem angústias, pergunta o que é tristeza, questiona a vida. Ele já questiona também por que precisa fazer determinadas coisas e os amigos não, como por exemplo usar fralda e ir ao médico mais uma vez. O que falamos sempre, e hoje ele também repete, é que todos nós somos diferentes”, explica Tamiris.

Quando fala de diferença, Tamiris também se refere à diversidade da própria família: “A Natane é uma mulher preta, de 1,80 metro. Eu sou uma mulher branca, de 1,50 metro. E temos nosso filho, Natan, que é um menino indígena Tikuna”. A família faz questão de reforçar as origens e identidade indígena da criança. A etnia dele, inclusive, está registrada em sua nova certidão de nascimento.

As mães repetem com frequência para o filho uma frase de *O Pequeno Príncipe*, livro de Antoine de Saint-Exupéry: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”. E Natane completa: “O Natan é um menino brilhante, muito grato pela vida. O que deixo de legado para mães e pais que desejam adotar é: não se deixem abalar por qualquer tempestade. Depois da chuva, o Sol sempre volta a brilhar, trazendo um arco-íris de coisas boas”.

Foto: Acervo pessoal

Desafios da adoção

Embora descrevam a experiência de adoção como transformadora, Tamiris e Natane fazem questão de reconhecer os desafios. Reforçam a importância de compreender cada etapa e se preparar para a maternidade.

Foto: Acervo pessoal

Natane conta que, no início, o processo burocrático causava estranhamento, mas, com o tempo, ao participarem de grupos e palestras, passaram a entender seu valor. “Respeitar cada fase foi a melhor coisa que fizemos. Foi difícil, exigiu motivação e muito preparo emocional”, relata.

Tamiris complementa dizendo que, apesar de representar um desafio à parte, a busca ativa é recompensadora. “São crianças com múltiplas demandas, mas os grupos de apoio nos prepararam para isso. A adoção não é fácil, mas é possível. Temos a oportunidade de sermos transformadas e de transformar. Não acho que sentiríamos o mesmo em outra situação. No fim, você percebe que é 15% problema e 85% alegria. Hoje, o Natan é meu melhor amigo, meu parceiro.”

Natane e Tamiris, que hoje estão divorciadas, também destacam a relevância de uma rede de apoio, especialmente emocional, tanto para a criança quanto para as mães.

Para a juíza Rebeca de Mendonça Lima, do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas (TJAM), quando respeitado em cada etapa, o processo de adoção proporciona experiências de superação e o nascimento de laços profundos de afeto. “É fundamental que as famílias se preparem adequadamente para a adoção, compreendendo que cada criança tem uma história e necessidades únicas”, explica.

Andrea Bolzon, especialista de programa da Unidade de Governança e Justiça para o Desenvolvimento do PNUD, lembra que a busca ativa é uma ferramenta que impulsiona a adoção, mas exige tanto preparo quanto uma gestação. Quando esse preparo é feito com responsabilidade, como no caso de Natan, “o resultado é uma relação de puro afeto que transforma tanto as crianças quanto suas mães e pais”.

Mikely

Acolher sem escolher: Mikely e o amor que desconhece barreiras

Por Isabela Martel

Márcia e Otávio, com a filha Mikely e o filho Rodrigo. O casal optou por um perfil de pretendente amplo.

Foto: Acervo pessoal

ler mais histórias

A pré-adolescente ajeita-se diante da câmera. Ao comando de "gravando", declara com voz firme: "Me chamo Mikely e tenho 13 anos. Fui adotada com 4. Em seguida, completa: "Meu pai se chama Otávio e a minha mãe se chama Márcia, e eu tenho um irmão mais velho, que se chama Rodrigo". Mikely tem essas palavras na ponta da língua, repetidas tantas vezes nos encontros de grupos de apoio à adoção, onde os pais compartilham a própria história com outras famílias.

Márcia Erondina, professora de matemática, e Otávio da Silva, contabilista, conheceram-se ainda crianças, na igreja. A vida seguiu seus caminhos até que, adultos, eles se reencontraram e decidiram formar uma família. Otávio já tinha um filho, Rodrigo, um jovem com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Após enfrentar dificuldades para engravidar, o casal optou pela adoção e habilitou-se no município de sua residência, em Esteio (RS).

Na **ficha de pretendentes*** do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), Márcia e Otávio deixaram claro: gênero, raça, deficiência ou problemas de saúde não seriam barreiras. "Quando vem da barriga, não existe restrição", refletiam, enquanto mantinham a decisão firme: "Isso nos foi muito questionado pela assistente social na época: 'Vocês têm certeza?' 'Sim. A gente não quer escolher, a gente quer simplesmente ter um filho'", resume Otávio.

A única preferência foi pela idade. Sonhavam que o novo filho pudesse ter um laço de companheirismo com Rodrigo, que, na época aos 10 anos, tinha idade mental de 4 ou 5 anos. "A gente colocou a faixa etária de até 5 anos porque com essa idade eles teriam uma aproximação", explica Otávio. Além disso, uma última certeza: "Nós decidimos que, na primeira ligação, nós não diríamos não. Seria o nosso filho", diz Márcia.

Sete meses depois, no dia 7 de abril de 2016, o telefone tocou. "Sou da comarca de Porto Alegre. A gente tem uma menina para adoção. Você ainda tem interesse?", perguntou a psicóloga. "Eu disse: 'Claro! Imediatamente! Eu já posso buscar a minha filha?'", relembra Otávio, com os olhos marejados.

---

* *A ficha de pretendentes do SNA é o formulário onde as pessoas dispostas a adotar registram seus dados. Preenchê-la permite que os pretendentes, tanto casais como pessoas solteiras, acompanhem o andamento de sua habilitação e suas possíveis vinculações com crianças e adolescentes disponíveis para adoção.*

Mikely, aos quase 5 anos, estava no hospital, recebendo tratamento para uma doença rara – a síndrome de McCune-Albright, que afeta pele, glândulas endócrinas e ossos. Foi lá que o casal e a filha se viram pela primeira vez. "Nós íamos visitá-la todos os dias", recorda Otávio, que se deslocou com a esposa até Porto Alegre durante um mês, até que Mikely pôde ir para sua nova casa.

Foto: Acervo pessoal

Com o tempo, a menina construiu uma relação de cuidado e amizade com Rodrigo. Foi ela quem, com paciência e carinho, ajudou o irmão a perder o medo do mar, cena que o pai lembra com emoção. "A parceria dos dois é muito linda", conta Márcia. "Aquele nosso projeto de aproximação de idades foi excelente", celebra Otávio.

Aos 6 anos e prestes a completar dois anos como parte da família, Mikely fez uma pergunta que apertou o coração dos pais: "Se, caso incomodasse muito, a gente iria devolvê-la". Márcia e Otávio não titubearam: "Não. Tu podes incomodar muito, fazer o que tu fizeres, tu vais continuar sendo nossa filha". Hoje, com o laço familiar seguro, Mikely sonha alto: quer viajar para Paris, Rio de Janeiro e Canadá.

"A preparação jurídica, social e psicológica dos pretendentes é fundamental. É quando a gente realmente vai prepará-los para adotar e desconstruir mitos e a questão da criança ideal."

Graziela Milani, assistente social que atua no SNA

Márcia e Otávio entenderam que o preparo dos pretendentes é essencial para o êxito do processo de adoção. "A gente aprendeu com o tempo que as burocracias são necessárias. É muito importante os pais e as mães estarem comprometidos com a adoção", diz Otávio. "A preparação jurídica, social e psicológica dos pretendentes é fundamental. É quando a gente realmente vai prepará-los para adotar e desconstruir mitos e a questão da criança ideal", explica Graziela Milani, assistente social e integrante da equipe que atua no SNA. "Muitas pessoas inicialmente vêm para a adoção pensando que vão fazer uma caridade ou para preencher algum espaço vazio. Mas a motivação adequada para adotar é querer ter um filho", afirma.

Para o casal gaúcho, não há dúvidas nem arrependimento. "Não podia ser outra filha. A gente sempre diz que a gente ganhou a melhor filha que tinha", derrete-se Márcia. "Foi a melhor coisa da minha vida", suspira Otávio, que complementa: "Eu ter a oportunidade de ir lá e dizer: 'Eu quero adotar, e eu quero adotar de qualquer forma. O que vier, não importa'".

Foto: Acervo pessoal

Sofia

Amor à primeira vista: a jornada de Vanessa e Gustavo até Sofia

Por Bárbara Lima

Foto: Acervo pessoal

ler mais histórias

Quando decidiram adotar, em 2015, Vanessa de Oliveira Claro Ianelli e Gustavo Afonso Ianelli correram para a Vara de Infância de Araraquara, cidade onde vivem, no interior de São Paulo. Casados havia sete anos, a assistente social e o empresário sonhavam em constituir uma família.

Na vara, passaram por todas as etapas de habilitação previstas no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA). No formulário, foram claros: queriam duas crianças de até 8 anos.

E então esperaram.

E esperaram.

E esperaram.

"Foram cinco anos e meio na fila de São Paulo. Eu ia insistentemente à vara, mas não avançava", lembra Vanessa. Foi assim que conheceu o Grupo de Apoio à Adoção Benquerer, em sua própria cidade. Ali, um novo caminho se abriu.

"Eles foram muito atenciosos e criteriosos. Revisaram todos os nossos documentos e papéis e sugeriram o processo de busca ativa."

Vanessa voltou à vara e solicitou: queria expandir a busca para o país inteiro.

Passou o primeiro dia.

Depois o segundo.

No terceiro dia, apareceu a foto de Sofia, 7 anos, natural de Itamarati, no interior do Amazonas. "Foi amor à primeira vista, não tem outra maneira de explicar", conta Vanessa. Ela mostrou a foto ao marido, e logo retornaram à vara para formalizar a intenção de adotar a menina.

Do outro lado, o sentimento foi o mesmo. Na primeira chamada de vídeo, Sofia já os chamava de "mamãe" e "papai". Ali mesmo, a nova família começou a se desenhar. "Pintei o quarto de rosa-claro, e foi ela quem escolheu a decoração", diz Vanessa, sorrindo.

Era setembro de 2020, em plena pandemia. Mas amor de mãe não tem quarentena. "Era colocar três máscaras, *face shield*, e Deus que nos proteja!" Deu certo. Vanessa e Gustavo cruzaram o país para encontrar a filha. Passaram 20 dias com ela no Amazonas.

"Todo mundo tem bagagem"

Aos 2 anos, Sofia sofreu queimaduras graves ao brincar com uma lamparina. Foi levada de avião até Manaus para tratamento. As cicatrizes visíveis e os cuidados necessários não assustaram o casal. Pelo contrário: aproximaram-nos ainda mais da filha.

“As pessoas querem escolher. Mas filho é filho. Quando você gera, você também não sabe como ele será”, diz Vanessa. Com a experiência, ela se tornou uma defensora da adoção de crianças mais velhas: “Elas vêm com a bagagem delas, mas já chegam querendo amar e ser amadas”.

“Adoção não é caridade”

Para ajudar Sofia nos desafios que enfrentaria, Vanessa foi além: formou-se psicanalista. “Hoje ela é uma criança muito positiva. Mais que tudo, eu vejo amor nela.”

Vanessa é firme ao rebater uma ideia ainda comum. “As pessoas acham que quem adota está fazendo um favor, uma caridade para as crianças. Mas, na verdade, é a Sofia que nos faz bem! É graças a ela que eu realizei meu sonho de ser mãe.”

Prestes a completar quatro anos de adoção, Vanessa vê na história de sua família um exemplo do que dá certo. Guarda com gratidão a atuação da juíza Rebeca de Mendonça Lima e da advogada Luiza Simonetti, que acompanharam de perto o processo no Tribunal de Justiça do Amazonas. “Por conta da deficiência da Sofia, elas quiseram ter certeza de que iríamos apoiá-la em tudo e prover todo o cuidado de que ela precisa”, contou.

Foto: Acervo pessoal

Hoje com 12 anos, Sofia já passou por diversas cirurgias e ainda terá outras. Mas não caminha sozinha: seus pais a acompanham em todas as etapas.

“Tem pais que querem que os filhos sejam melhores que eles. A gente quer que a Sofia tenha qualidade de vida, que ela seja feliz.”

Foto: Acervo pessoal

Maria Luísa

Uma nova certidão de nascimento: Maria Luísa e o direito de pertencer

Por Isabela Martel

Foto: Acervo pessoal

ler mais histórias

"Agora é oficial", diz Maria Luísa, os olhos marejados. Ela mal consegue conter a emoção ao receber sua nova certidão de nascimento, com os nomes dos pais adotivos. Está deslumbrante: um vestido azul brilhante e uma coroa sobre os cabelos perfeitamente encaracolados. É a sua festa de 15 anos.

O presente foi cuidadosamente planejado pelos pais para a ocasião. "Levou três anos a espera pela certidão. Era uma coisa que a gente queria dar no aniversário dela", conta o pai.

Maria Luísa entrou na vida do motorista Fabiano Afonso e da costureira aposentada Jovane Rodrigues de Oliveira não como acaso, mas como uma escolha — a escolha de amar. Junto havia 10 anos, o casal já tinha quatro filhos de relacionamentos anteriores, mas desejava um fruto da união atual.

Ter um bebê biológico parecia improvável. Fabiano tinha passado por uma vasectomia, e Jovane estava perto dos 50 anos. Foi durante uma consulta médica que surgiu a ideia: "Por que vocês não adotam?", sugeriu o médico. "Saímos dali direto para o fórum para pegar os papéis e começar o processo", lembra Jovane.

A ideia de adotar uma criança mais velha foi se desenhando aos poucos, entre conversas e escutas nos grupos de apoio em Alvorada (RS), na região metropolitana de Porto Alegre. "A gente sabia que queria adotar uma criança, mas não tinha noção de que idade", conta Fabiano. "Fomos amadurecendo a ideia da **adoção tardia***", completa Jovane. Ao final do processo de habilitação, o casal manifestou, no perfil de pretendentes do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), o desejo de acolher uma menina negra entre 6 e 12 anos.

Enquanto isso, não muito longe dali, em Sapucaia do Sul (RS), Maria Luísa, então com 12 anos, vivia em uma casa lar. O contato com os futuros pais começou por fotos e videochamadas, como era possível durante a pandemia de Covid-19. A primeira visita aconteceu pouco antes do Dia das Mães: "Deu uma semana, duas... e ela não queria mais ir embora. Aí nós a trouxemos de vez", contam.

---

* *Adoção tardia é o termo utilizado para indicar a adoção de crianças que já possuem um desenvolvimento parcial em relação a sua autonomia e interação com o mundo. Não há uma idade mínima estabelecida para designar a adoção tardia: em geral, refere-se a crianças maiores de 3 anos.*

O começo foi feito de cuidados e aproximações delicadas. “Eu tinha muito medo de confiar nas pessoas. Ainda tenho, mas estou bem melhor”, explica Maria Luísa. “Fui me acostumando com eles. A partir do momento em que eu vim para cá, eu não queria mais sair. A partir do momento em que a gente começa a confiar nas pessoas, a gente quer ficar para sempre”, diz, emocionada.

A adaptação, tanto para os pais quanto para a criança, exigiu paciência e amorosidade. “Ela chegou um pouco ansiosa. Ela não parava! Ela falava, falava, falava!”, recorda Fabiano, com ternura. “Ela queria nos agradar para a gente gostar dela, e a gente queria agradá-la para ela gostar da gente”, completa Jovane.

Nos primeiros dias, Maria Luísa chamava os dois de “tio” e “tia”. “Quando eu vi, ela já estava me chamando de mãe”, lembra Jovane. Hoje, a adolescente faz questão de ouvir a palavra “filha”: “Quando eu não chamo de ‘filha’, ela reclama: ‘Como é que é? Luísa? Eu sou Luísa?’”, conta a mãe, rindo.

Maria Luísa carrega histórias, marcas e medos, que sua família foi preparada para

Foto: Acervo pessoal

Maria Luísa recebe sua nova certidão de nascimento: o melhor presente de 15 anos

acolher. “Para uma criança chegar a um final feliz por meio da adoção, antes ela passa por um processo de violação de direitos. Isso os pretendentes precisam entender”, explica Graziela Milani, assistente social e integrante da equipe que atua no SNA. “Essa criança tem direito à sua origem, à sua história, e isso precisa ser trabalhado com os pretendentes.”

“Essa criança tem direito à sua origem, à sua história, e isso precisa ser trabalhado com os pretendentes.”

Graziela Milani, assistente social que atua no SNA

Com Maria Luísa, esse trabalho é diário. “Ela tem receio de se aproximar das pessoas e as pessoas não a compreenderem e não retribuírem aquilo que ela espera. Mas isso vai passando. Hoje ela já está mais madura com esses sentimentos”, observa a mãe. “É uma menina dedicada, que adora ser respeitada e respeitar os outros.”

Entre as lembranças, uma brilha mais forte para Maria Luísa: a festa de 15 anos. “Foi incrível. Todo dia eu sinto muita saudade da festa.” Acostumada a aniversários silenciosos, ela nem planejava comemorar a data, mas os pais insistiram — e prepararam a maior das surpresas. O momento da entrega da certidão de nascimento correu o Rio Grande do Sul nos principais jornais. Selava não só um processo de cerca de cinco anos até os pais encontrarem a filha, mais três anos até a conclusão da adoção, mas também o início oficial de uma vida compartilhada.

Nas palavras da mãe, “a chegada dela só acrescentou. A gente sempre quis ter a nossa filha. E hoje ela é a nossa filha”.

repercussão:
narrativas que ecoaram para além do sistema de Justiça

A recepção às histórias de vida do SNA foi muito positiva. Publicadas inicialmente nos canais institucionais do CNJ e do PNUD Brasil, elas rapidamente ganharam alcance e reconhecimento. O conteúdo foi traduzido para o inglês e o espanhol, sendo posteriormente veiculado na página do PNUD para a América Latina e o Caribe.

Outubro de 2024 tornou-se um marco para a Comunicação do Programa Justiça 4.0, registrando a maior repercussão midiática de sua trajetória até então. As narrativas do SNA tiveram um papel importante nesse resultado, conectando o público a histórias reais de uma ferramenta tecnológica que ajuda a garantir direitos.

Os números refletem essa repercussão. A história de Maria Luísa ultrapassou 113 mil visualizações no site do CNJ, tornando-se a segunda matéria mais acessada do Programa Justiça 4.0 em 2024. No Instagram do CNJ, o post sobre o Dia Mundial da Adoção, destacando as histórias de Sofia e Natan, atingiu mais de 147 mil visualizações.

Clique aqui!

Busca ativa no SNA:
entre histórias e números, o compromisso com o afeto e a Justiça

Desde 2019, o SNA viabilizou mais de 27 mil adoções em todo o país. Destas, 1.407 foram realizadas pela busca ativa. Só em 2024, 5.361 adoções foram concluídas — 480 por busca ativa, o que representa cerca de 9% do total no período.

No Brasil, 5.238 crianças e adolescentes esperam por adoção. Ao mesmo tempo, 33.388 pretendentes habilitados aguardam a oportunidade de formar uma família. A maioria desses pretendentes (24.523) está concentrada nas regiões Sudeste e Sul e manifesta preferência por crianças de no máximo 8 anos (31.349) — especialmente de 2 a 4 anos, faixa etária mais procurada por um terço dos pretendentes (10.573).

No entanto, a realidade de crianças disponíveis para adoção é outra: 70,4% delas têm entre 8 e 18 anos. Há 1.407 crianças e adolescentes na busca ativa — muitas com histórias que exigem preparo, disponibilidade afetiva e cuidado ético por parte dos futuros cuidadores.

O contraste entre os perfis mais desejados e os que mais aguardam uma nova família ainda é um desafio. Apesar de a lista de pretendentes ser maior que a de crianças e adolescentes aguardando adoção, apenas 3,5% aceitam crianças com deficiência física, 1% com deficiência intelectual, e 8,6% com doenças infecto-contagiosas. Em relação às características étnico-raciais, apenas 8.035 dos pretendentes (24%) afirmam aceitar crianças indígenas; 8.553 (26%), crianças pretas; e 48,8% (15.752), crianças pardas. Por outro lado, 53% das crianças e adolescentes disponíveis para adoção são pardos e 16,4% são pretos.

Esses números evidenciam a necessidade de ampliar o olhar sobre quem são as crianças que esperam por uma família, reconhecendo suas histórias, identidades e direitos. Quer conhecer melhor esse cenário? Acesse o Painel de Acompanhamento do SNA, que traz dados atualizados diariamente.

Este conteúdo tocou você de alguma forma? Compartilhe esta publicação com outras pessoas. Espalhar informação é também uma forma de cuidar.

Se você acredita na união entre tecnologia e Justiça para transformar vidas, conheça outras iniciativas do Programa Justiça 4.0 — uma parceria entre CNJ e PNUD que promove a transformação digital do Judiciário no Brasil em busca de uma Justiça mais ágil, eficiente e acessível para todas as pessoas.

Das vozes às páginas: quem deu vida a este livro

Este livro é fruto do trabalho colaborativo e criativo da equipe de Comunicação do Programa Justiça 4.0.

As jornalistas **Isabela Martel**, **Jéssica Chiareli** e **Bárbara Lima** apuraram e redigiram as reportagens que deram origem ao conteúdo.

Ana Terra, assistente de produção editorial, transformou os textos em narrativa de livro.

Erika Dixo, associada para produtos audiovisuais, deu forma visual à publicação com projeto gráfico e diagramação interativa.

A condução e o acompanhamento de todas as etapas ficaram a cargo de **Vanessa Maeji**, analista de gestão do conhecimento, e **Vanessa Beltrame**, coordenadora de comunicação.

Isabela Martel

Bárbara Lima

Erika Dixo

Vanessa Maeji

Jéssica Chiareli

Ana Terra

Vanessa Beltrame

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

PNUD

JUSTIÇA 4.0

Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento